



SOMBRA PATERNA E FRATERNIDADE CINDIDA (SOBRE “À MARGEM DA LINHA”, DE PAULO RODRIGUES).

Raul José Matos de Arruda Filho¹

A novela “*À margem da linha*”, de Paulo Rodrigues,² está alicerçada no percurso (geográfico, emocional) de dois irmãos que fugiram de casa. Caminhando pelos trilhos do trem, em direção a um lugar que não está determinado, eles estabelecem os contornos de uma singular odisséia familiar. Como se fossem heróis mitológicos, Argonautas em busca do velocino de ouro, os meninos imaginam que, ao fim da jornada, encontrarão o pai desaparecido. Cientes de que em alguns momentos, nesse mergulho na imensidão do mundo, precisarão ultrapassar alguns obstáculos perigosos, momentos em que a honra e a coragem serão colocadas à prova, os irmãos se comprometem a ficar juntos para sempre, amalgamando os laços de sangue com a amizade. Em um universo familiar em decomposição, independente das adversidades, os dois irmãos ambicionam construir um valor identitário.

A linearidade com que os acontecimentos são narrados contrasta com a espessura pouca consistente de uma linguagem derramada, excessiva, que recusa a concisão e que flerta com o barroco – esse jorro ininterrupto de emoções, que retira do ostracismo uma vertente quase desaparecida da literatura brasileira, colide com o a-pós-o-moderno pré-histórico que caracteriza a literatura brasileira contemporânea e que elege a rapidez e a eficiência como sinônimos de competência capitalista, pois há quem acredite que não é possível perder tempo, 110 páginas, com o que poderia ser resumido em menos de 50. Contrária a esse pensamento, a tessitura da novela “*A margem da linha*” segue os princípios elementares da tradição intimista dos textos de Cornélio Penna, Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, e, em um nível um pouco mais distante, com parte da produção de Clarice Lispector.

Texto poético, herdeiro e tributário de uma linguagem lírica, que balbucia os limites do pensamento, e que em alguns momentos se aproxima do desespero, daquele desespero em que as palavras se mostram instrumentos insuficientes para expressar o dilaceramento, “*À margem da linha*”, como quase todos os textos brasileiros sobre conflitos fraternos, segue os rastros históricos de “*Esaú e Jacó*” (Machado de Assis), “*Lavoura arcaica*” (Raduan Nassar) e “*Dois irmãos*” (Milton Hatoum). Ao fundo, tendo como referência a tradição bíblica, o texto evoca os mitos de Caim e Abel, Esaú e Jacó, José e seus irmãos e o filho pródigo. Além disso, apesar de Paulo

¹ Doutor em Teoria da Literatura pela UFSC. raul.arruda@gmail.com.

² RODRIGUES, Paulo. *À margem da linha*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.



Rodrigues negar o parentesco, a narrativa dialoga com o filme “*Rocco e seus irmãos*”, dirigido por Luchino Visconti, em 1960, e o neo-realismo literário italiano (Elio Vittorini, Cesare Pavese e, especialmente, Vasco Pratolini, que escreveu um clássico sobre o tema, “*Cronaca Familiare*”).

São os olhos de um menino de dez anos, revisitando com lirismo e sentimento de culpa a memória de dias infelizes, que conduzem o texto. Mais do que um acerto de contas com o passado, mostrando a ruptura que entremeia o antes e o depois, revisitando aqueles momentos em que os sonhos são desfeitos pela realidade (realidade que recusa os sonhos), a narrativa, seguindo a fórmula estabelecida pelo *bildungsroman*, contextualiza o aprendizado através de feridas que não cicatrizam, e, que, apesar da dor que enunciam, solidifica a argumentação de que algumas relações familiares tendem ao conflito. Ao olhar para o tempo que já escoou na ampulheta, mescla de areia, vento e saudade, o narrador lembra e registra os retalhos da memória, costurando episódios amargos, pedaço a pedaço, até que a estampa que reproduz a crônica familiar revele ao leitor o desenho trágico. Em outras palavras, um dos propósitos do narrador, ao tornar pública a história da viagem que empreendeu com seu irmão, está na necessidade psicológica de tornar público um passado que não pode mais corrigido, que não pode ser emendado com pedidos de desculpa e perdão.

Simultaneamente, a história dos dois irmãos (Mano e narrador) também é a história dessa sombra sem corpo que paira sobre a prole (protegendo-a, oprimindo-a, amando-a), e que, nesta história, declinou da honra de ser chamado de pai. Diante desse membro amputado do corpo familiar, aos meninos não cabe nenhuma herança – exceto o vazio produzido pela sobra humana que recusou os filhos.

“Eu nunca extraía da palavra pai um exato sentido, mas é certo que ela mexia comigo de maneira incômoda. Eu não conseguia entender como é que ela conseguia ganhar, na boca de outros meninos, um significado estranho, quase místico. Que mais poderia ser o pai, além daquele vulto assobiando na noite, arrancando telhas e batendo portas e janelas? Que mais poderia ser, além daquele arrepio de medo que trespassava as fibras gastas do cobertor quando envolvia a casa num prenúncio de temporal? Que mais poderia ser o pai? Por que essa palavra se abatia sobre mim, pesada como um insulto, ao ganhar um corpo físico na boca de outros meninos? Por que, quando me forçavam a assistir a missa, na cantilena chata do padre eu só conseguia perceber a palavra mil vezes repetida: Pai... Pai...Pai... que, dita daquela forma tão confusa e poderosa, fazia com que eu me contorcesse, como se um réptil me ferisse as entranhas? (RODRIGUES, 2001, p. 25).

Trafegando entre o desamparo e a ignorância, sem conseguir separar o simbólico, o imaginário e o real, o narrador de “*À margem da linha*”, inquieto com as possibilidades conceituais da palavra “pai”, esboça com palavras cheias de preocupação, alguns dos grandes problemas que afligem as relações familiares: Quem é o pai? Qual é a sua valência no ambiente familiar? Em que circunstâncias a ausência do pai contribui para desestruturar o mundo que deveria unir pais e filhos? “*Caminhar sobre um trilho exige equilíbrio e concentração*” (RODRIGUES, 2001, p.11), escreve



o narrador, alertando sobre o perigo que espera os irmãos no fim da linha férrea ou nos braços do pai.

Seguíamos em direção ao nascente, e o sol, lutando contra a cerração, já trazia um pouco de conforto ao tecido gasto de nossas camisas. Uns quatro passos atrás dele, eu procurava seguir sua ginga, buscando um perfeito equilíbrio. Seguir os passos do Mano era, sem dúvidas, meu único objetivo.

Eu era um pouco mais novo que ele, três ou quatro anos talvez, mas tendo sido entregue muito cedo à sua responsabilidade aprendi em pouco tempo a confiar cegamente na sua orientação e no peso de suas raríssimas sentenças. Por isso, se o sol conseguia pouco a pouco trazer conforto à minha pele crispada de frio, a palavra do Mano, muito antes, já cobrira de um calor terno a minha alma crispada de medo. (RODRIGUES, 2001, p. 7-8).

Se “*Deus dá o peso exato que cada um pode agüentar*” (RODRIGUES, 2001, p. 73), não foi em troca de um prato de lentilhas que o Mano recebeu a progenitura familiar. Apesar do Mano não ser o filho mais velho, pois o “legítimo” herdeiro do legado paterno se revela inepto para administrar o mundo familiar, a responsabilidade o obriga a ser adulto antes da hora. Como alerta o narrador, *Na queda, o Mano era a escora; na ação, a alavanca.* (RODRIGUES, 2001, p.71).

Infelizmente, seja para Mano, seja para o narrador, a figura do pai não passa de um vulto, foi embora a muito tempo, todos os filhos eram crianças muito pequenas. Como “*A legitimação não se prende a um reconhecimento fálico outorgado, porque depende de um exercício de substituição, de produção de semelhanças*” (COSTA, 2000, p.109), Mano não se julga capaz de ocupar o lugar do pai – do Pai mítico. Falta-lhe, no mínimo, conhecer o rosto daquele a quem está substituindo. Metáfora da procura do único homem capaz de aliviar a carga que foi depositada sobre os ombros do Mano, a viagem também representa um forma de acertar contas com a história familiar:

Certa vez o Mano me disse que assim que a gente encontrasse o pai ele teria chance de cuidar de si mesmo, que eu não poderia imaginar um isto das suas penúrias. Com isso ele queria certamente dizer que eu não era capaz de calcular a sobrecarga que recai sobre o chefe de uma empreitada, nem de avaliar o quanto é penoso carregar sobre os ombros o fardo da responsabilidade. É claro que não foi desse modo que interpretei as palavras dele. Para mim, ele estava dizendo que era eu o fardo, o empecilho, e que na verdade não seguíamos ao encontro do pai, mas que eu era levado a ele. Uma encomenda com destinatário incerto, mas que precisava ser entregue a qualquer custo. Era eu a encomenda! Apesar dele saber do amor que eu cultivava escondido nas entranhas, de ser ele o objeto maior da minha adoração, entendi que para o Mano eu era apenas um estorvo. Alguma nódoa, algum destempero dentro do meu corpo ou da minha alma – a mãe costumava me chamar de bicho-do-mato – fazia de mim um empecilho a ser removido. (RODRIGUES, 2001, p. 28-29).

Na história dos dois meninos, há um impasse a ser transposto: “O problema das heranças é que elas nunca são exclusivamente simbólicas: precisamos lidar com um morto e com o que resultou da geração de um corpo” (COSTA, 2000: 92). O corpo insepulto do pai se alimenta da energia que emana de seus filhos. Enquanto não houver alguma forma de rompimento, esse zumbi continuará devorando a luz, pois a escuridão “é o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo” (BAUMAN, 2008, p. 8).



O filho é o pai do pai ou é apenas aquele que reproduz a insensatez do pai? Na dúvida, “*Já havíamos ultrapassado a Parada 8 quando o Mano me deu uma lição prática sobre as mulheres*” (RODRIGUES, 2001, p. 41):

“Era uma moça igual a tantas outras que eu conhecia, por isso eu me intriguei com sua ousadia em caminhar ao nosso lado, pois as garotas suburbanas eram esquivas a rapazes, sobretudo desconhecidos. Ela não caminhava sobre os trilhos como nós, saltava dormentes ao lado do Mano, enquanto eu, intimidado por sua presença, me deixava ficar cada vez mais para trás, absorvido por meus próprios pensamentos.” (RODRIGUES, 2001: 43-44).

Como se fosse o pai que ensina para o filho o comportamento masculino, Mano desaparece com a moça. “*Quando dei conta do deserto que me circundava, senti uma dolorosa sensação de abandono*” (RODRIGUES, 2001, p. 44), exclama o narrador, que parece surpreso pelo desenrolar dos acontecimentos:

“Onde eles haviam se enfiado? Que apelo irresistível arrebatou o Mano de suas inabaláveis convicções, fazendo-o trocar a mim e a todos os seus planos por uma companhia fortuita? ‘O quê, Mano, me diga!’ – era o grito aprisionado no meu peito. Era a inquietação, o desconsolo; era uma confusão esse meu grito surdo. ‘Que força é essa que te fez esquecer as tantas coisas sonhadas pra nós: o encontro com o pai, a vida nova... a promessa de que haveríamos de ficar sempre juntos?’” (RODRIGUES, 2001: 44).

Depois de muito tempo, quando a noite já começava a enegrecer o horizonte, Mano reaparece:

“Do seu modo, o Mano era mais ladino do que eu poderia supor. Me vendo lúcido de novo, antes que eu cobrasse a razão do sumiço, ou fizesse qualquer outra pergunta desnecessária, com um meneio lânguido ele me mostrou a moça que se afastava. De costas, alisando a saia com as palmas das mãos, me pareceu que ela voltava contente para o povoado.

– Mulher é uma precisão. Pena que a gente não pode carregar no embornal – acompanhou a frase de um gesto malicioso, não condizente com seu comportamento habitual, tampouco com seu jeito sempre moderado de falar comigo.” (RODRIGUES, 2001, p. 46-47).

Com um poder de síntese capaz de causar inveja em quem escreve haicai, Mano revela ao narrador o segredo que envolve as relações entre homens e mulheres, segundo a receita básica da masculinidade: “*Mulher é uma precisão. Pena que a gente não pode carregar no embornal*”. Embora pareça um elogio, essa declaração ecoa o mundo feminino definido em duas linhas, “*o pouco que eu sabia sobre as mulheres era a sua grande aptidão para os serviços domésticos e para o provimento de nossos estômagos*” (RODRIGUES, 2001, p. 41-42). Em uma narrativa onde as mulheres estão praticamente ausentes, apenas a mãe dos meninos parece ter alguma importância na narrativa, apesar de espelhar o estereótipo da dona-de-casa abandonada pelo marido, que vive em função dos filhos, e cujo corpo está interdito por uma série de barreiras sociais, talvez esse fenômeno, o afastamento do feminino em um ambiente composto por rios de testosterona, ocorra porque o domínio narrativo está concentrado no masculino – e nos elementos que provavelmente caracterizam aquele que está ausente.



Precisando encontrar o pai, para poderem reconhecê-lo como pai, para poderem ser reconhecidos e se reconhecerem como filhos, os meninos sabem que:

“O pai desaparecido, mais do que uma estrutura balizadora, mais do que um porto distante a ser alcançado depois de longa viagem, é a garantia de que há um sentido para a caminhada empreendida.” (ARRUDA FILHO, 2008, p. 107).

Nesse percurso insensato que é caminhar pelos trilhos do trem, sem saber onde está o pai, os irmãos conversam – para, enfim, concluir que aquilo que os une é a divergência. Justamente no momento em que Mano percebe que é o representante efetivo do pai ausente, o narrador também adquire consciência de que a filiação é uma construção intelectual. O indivíduo não nasce filho de alguém, ele se torna filho ao compartilhar a história comum que os une. Por isso mesmo, no contexto de uma via de mão dupla, excluir a paternidade também é um ato de escolha. E foi isso que o narrador fez com o Mano e com o pai.

“Andávamos calados como sempre, ele um pouco mais à frente, os olhos pregados no horizonte, certo de que eu viria atrás. Foi quando num rompante, e não sei o quanto isso me custou, vendo chegar o desvio eu não pude evitar o grito:

– *Vamos seguir por aqui, Mano!*

O Mano quase perdeu o passo, mas mantendo a custo o equilíbrio fez que não escutou.

– *Vamos mudar de rumo, Mano! – eu tornei a gritar. Mas dessa vez ele não se conteve. Os ombros sacudidos por uma raiva surda, ele falou mastigado, sem voltar o rosto:*

– *Cala a boca, guri, a gente vai sempre em frente.*

Eu podia perceber no tremor do pano da camisa o esforço que ele fazia para segurar a indignação, como se segurasse um potro selvagem prestes a me escoicear. Mas se o Mano estava indignado com a minha petulância, eu era invadido por uma emoção nova, uma espécie de orgulho pela audácia de interpelá-lo daquele modo. E foi levado por essa emoção que eu esqueci do respeito que lhe devia e prossegui:

– *Que é que tem de errado em um desvio, Mano? É um caminho tão bonito quanto o outro. talvez mais. Quem te disse que foi por ele que o pai se perdeu um dia? Ao que ele grunhiu encolerizado:*

– *Só existe um caminho.*

Mas aí fui eu quem perdeu o controle, e sem pensar nas conseqüências, nem medir a cólera do Mano, já fui enveredando pela variante e gritei:

– *Tá certo, Mano. S’ocê não vai, eu vou!* (RODRIGUES, 2000, p. 84-85).

Os gritos, as ameaças, o confronto velado – tudo é motivo para construir um abismo intransponível, um território demarcado pela posse (afetiva, efetiva). Em situações pouco nítidas, onde o idealismo predomina sobre o esclarecimento, o desentendimento surge como resultado natural. Nesse sentido, a divergência que se instaura entre os irmãos decorre do entendimento de que, assim como a linha férrea, a vida está repleta de bifurcações – sem saber que caminhos devem seguir, sem alguma alternativa segura onde possam se escorar, o narrador e o Mano rompem com as amarras ideológicas de dois grandes mitos familiares: a paternidade e a fraternidade, inclusive porque contraposto com a paternidade, o tecido conjuntivo da fraternidade se esgarça. Dito de uma forma mais freudiana, ao romper com o Mano, o narrador, finalmente, encontra uma forma simbólica de matar o Pai, de perder a ligação com o sagrado.



Nos despedimos sem um abraço, nem mesmo um aperto de mão. O meu coração estava oprimido, e eu imagino que o dele ainda mais do que o meu. Mano, Mano, meu querido Mano. Eu fiquei acompanhando seu grotesco saltitar sobre os dormentes até ele sumir na primeira curva. Que doloroso vê-lo seguir encurvado, os ombros sacudidos por tremores compassados pelo baque dos pés sobre os dormentes. Seria possível que ele soluçasse? Diante dessa possibilidade, eu tomei súbita consciência da dimensão daquele momento. De repente nós, os companheiros inseparáveis, o mestre e o pupilo, ou melhor, o mestre e sua testemunha, caminharíamos irremediavelmente sós, cada um diante de si mesmo, pelo deserto de nossa existência (RODRIGUES, 2001, p. 109-110).

Com o desaparecimento do pai mítico, também desaparecem os laços fraternos – transformados em estranhos, os irmãos se separam.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA FILHO, Raul José Matos de. *A invenção do inimigo: literatura e fraternidade*. [Tese de Doutorado]. Florianópolis, UFSC, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. *Autoridade e legitimidade*. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DOR, Joël, *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

MAAS, Wilma Patricia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

RODRIGUES, Paulo. *À margem da linha*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.